

Antologia de Textos

Organização de Ana Rita Alho
(Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático)

Antônio Pigafetta,

Descrição da Ilha de Timor 1522

Sábado, vinte e cinco de Janeiro de 1522, partimos da ilha de Malua e no domingo, a vinte e seis, chegámos a uma grande ilha, distante daquela cinco léguas, para sul-sudoeste. Fui sozinho a terra para falar ao principal de uma vila, chamada Amabon, a fim de que nos desse virtualhas, respondendo-me que daria búfalos, porcos e cabras; não pudemos chegar a acordo porque queria muitas coisas por um búfalo. Nós, havendo poucas e constrangidos pela fome, retivemos no navio um dos principais com o seu filho de uma outra vila, chamada Balibo, e, com medo que o matássemos, deu-nos logo seis búfalos, cinco cabras e dois porcos, e, para completar o número de dez porcos e dez cabras, deu-nos um búfalo, porque assim se havia fixado o resgate. Depois, mandamo-los para terra contentíssimos com linho, panos indianos de seda e algodão, machados, faquinhas indianas, tesouras, espelhos e facas. Aquele senhor, com quem fui falar, era servido somente por mulheres, todas andam nuas como as outras, e trazem presos às orelhas brincos pequenos de ouro com fios de seda pendentes e nos braços têm muitas manilhas de ouro e de latão até ao cotovelo. Os homens andam como as mulheres, usando apenas amarradas ao pescoço certas coisas de ouro, redondas como um trincho, e pentes de cana adornados de anéis de ouro, postos nos cabelos, e alguns destes trazem gargalos de cabaças secas postos nas orelhas com anéis de ouro.

Nesta ilha encontra-se o sândalo branco e não outro, gengibre, búfalos, porcos, cabras, galinhas, arroz, bananas, cana doce, laranjas, limões, cera, amêndoas, feijões e outras coisas, e papagaios de diversas cores. Da outra parte da ilha estão quatro irmãos que são os reis desta ilha. No sítio onde estávamos havia povoações e alguns dos seus principais. Os nomes das quatro habitações dos reis são estes: Oibich, Lichsana, Suai e Cabanaza. Oibich é a maior. Em Cabanaza, como nos foi dito, encontra-se bastante ouro num monte e compram todas as



suas coisas com pedacinhos de ouro. Todo o sândalo e a cera contratada por aqueles de Java e de Malaca provém desta banda. Encontrámos aqui um junco de Lozon vindo para negociar sândalo. Estes povos são gentios e, quando vão cortar o sândalo, como eles nos disseram, aparece-lhes o demónio em várias formas e diz-lhes, se precisarem de alguma coisa, peçam-lha, fazendo esta aparição com que estejam doentes uns quantos dias. O sândalo corta-se numa determinada fase da lua porque, de outra forma, não seria bom. A mercadoria que vale ali pelo sândalo é pano vermelho, linho, machados, ferro e pregos. Esta ilha é toda habitada e muito comprida de levante a poente e pouco larga do meio dia a tramontana. Está na latitude do pólo antárctico em dez graus e cento e setenta e quatro e meio de longitude da linha de demarcação, e chama-se Timor. Em todas as ilhas que encontrámos neste arquipélago reina o mal de S. Jop, e aqui mais do que em outro lugar, e chamam-lhe for franchi, ou seja, mal português.

(Antonio Pigafetta, *La Mia Longa e pericolosa navigatione*,
ed. de Luigi Giovannini segundo o MS. da Biblioteca Ambrosiana de Milano, Milano, 1989, p. 205-207)

Baltasar Dias, S. J.

descrição de Timor e Solor 1559

Christo Nosso senhor more em nossas almas.
Amen.

Nesta não farei senão dar enformação de Solor e Timor, que me Vossa Reverencia manda pedir, porque o mais escrevo pollo irmão Paulo Gomez.

O que tendo colligido assi de Timor e Solor, como de outras partes que aqui direi, he o seguinte:

Solor esta oito graos he tres quartos da linha da banda do Sul, he terra aonde ha poucos mantimentos; vem-lhe de redor, de muitos lugares, aonde ha muitos. He terra muito sadia. Ha na mesma ilha muitos christãos que fazem portugueses que ahi residem. Entra muito na ilha a seita de Mafamede; em a mesquita ha muitos mouros. São todos bestas, todavia, tirando-lhe tres ou quatro cacizes que nelle andão, dous de Calecut, e tres de Bengala. Hum destes, de Calecut, fez porvora. E tirados estes, tornara a terra, porque ia lhe tiramos hum principal, que não foi pouco trabalho; laa vai, se for.

A este Solor e Timor partem daqui em suas monções, a saber: huma no fim de Setembro, e outra na entrada de Fevereiro, e o mesmo de la vem duas vezes no anno, a saber: Junho e em Outubro.

A gente deste Timor he a mais besta gente que ha nestas partes. A nenhuma cousa adorão, nem tem idolos; tudo quanto lhe dizem os portugueses, fazem.



A lingua desta gente dizem ser muito curta, conforme em algumas cousas com a malaia.

De Malaqua a Solor são trezentas legoas. De Solor a Timor, assi a banda de fora, como a de dentro, são vinte ate quorenta legoas. Solor he huma ilha de dez legoas em redondo; os comeres da terra são algum arroz, milho, muitos inhames, galinhas, grãos, feijões.

De fronte deste Solor, tres legoas, esta huma ilha muyto grande [ilha das Flores], aonde avera duzentos e mais christãos, que fez hum João Soarez; chama-se este lugar, aonde estão estes christãos, Labonama, em que entra o rey da ilha, christão, com todos os grandes, pedem muito que os ensine, e outros muitos, que se querem fazer christãos. No mesmo lugar, o anno passado, mandou la o vigario hum clerigo com o cargo de ir vizitar este rei christão e toda sua gente. Eu disse ao padre vigario que não mandasse laa o padre, porque sabia que tinham elles armação de mercadoria, e, todavia, foi e esteve em Solor, e não foi ver os christãos, e não sei se lhes alebrarão, empregou seus empregos, e trouxe seus bares, e veose.

Esta ilha he muito grande e tem infinidade de gente e outras, ao redor, com muita gente; os mantimentos destas são: arroz, muitos inhames, grãos, muitas galinhas, feijoens, porcos, cabras, muito mel. Não adora, esta gente, a nenhuma cousa, nem tem pagodes; não morão a borda do mar, por causa dos ladrões; habitão por dentro das ilhas, de maneira, padre meu, que tenho para mim que he mais que o Brasil, e mais gente que em Maluco, conforme a enformação que tenho, e muito melhor terra que o cabo Comorim.

Em algumas destas ilhas ha alguns feiticeiros, mas tudo he nada; quantos quizerem fazer christãos, tanto farão, e se lhe não acodirem ou tolherem os cacizes, hão-se de salgar de Mafoma.

A este Solor podem vir de Maluquo e hir pera Maluquo; vai ter muyta gente da China; continuamente estão nelle portuguezes. Este anno envernarão la duzentos e mais portuguezes; he este Solor muito sadio.

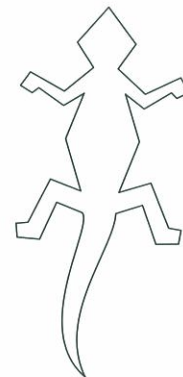
Eu, padre meu, ando aprecebendo cousas para laa, pera os padres e irmãos que para laa hão-de hir, conforme a minha possibilidade, a saber: machadinhas, para fazer cazas, algumas vestimentas.

Enfim, faço conta que ei-de ter, pera o anno, muitos hospedes pera la; aqui se faz, agora, huma embarcação prestes para huma terra que se chama Macaçar, terra muito grossa, tudo gentios e gente de bons entendimentos. Foi ahi ter hum padre que aqui mora, por nome Vicente Viegas, e fez quatro reis christãos, com outra gente, e todos se querião fazer christãos; veo-se o padre, e nunca la mais tornou ninguem. Agora dertimino de tomar grandes informações desta terra, que tem grande nome por estas partes; he terra muito grossa, os bazares e a mercadoria he ouro, enfim, padre meu, pera o anno, irão desta terra as informações. Entretanto, Vossa Reverencia anime a estes irmãos e tome gente, porque para qua he o mundo e la he hum quarto.

Indo de Malaqua para Solor e Timor, vão ter a hum reino por nome Panaruqua, terra jaoa e tudo gentios; nunca quiserão consentir lei de Mafamede e por isso lhe fizeram muitas guerras; não querem, são muito nossos amigos e dizem, segundo me disserão, que não avião de tomar outra lei senão a dos portuguezes; segundo me informarão, estão dispostos pera tudo; he esta Panaruqua a mais farta terra que ha na Jaoa, de carnes, arroz e outros legumes; estes tem pagodes e são idolatras.

O reino de Camboja, aonde foi hum padre de São Domingos, continuamente estão pedindo que se querem fazer christãos; he reino grande, e de muita gente, e muito farta, e per estas partes disse Christo: «*messis quidem multa, operarii autem pauci*». Alembro a Vossa Reverencia que ia este anno tive por enformação em Camtão, terra da China, aver passante de seis mil mouros feitos; chins, tanto que se faz mouro, fica logo sogeito pera as armadas.

Esta he a breve enformação que a Vossa Reverencia mando; não seia Vossa reverencia avaro de gente, mande, porque terra ha pera isso, e não curemos de portuguezes; vamo-nos ao que he nosso, e acudamos a tantas almas



perdidas, que se perdem, a mingoa, e quasi que avemos de ter escrupulo. Eu, padre meu, este anno, escrevo a Solor a este rei e a sua gente, que lhe dou grandes esperanças de la os irem visitar e morar com elles. Vossa Reverencia comesse de os nomear, digo, aos padres e irmãos.

Nam atente a enfermidades, nem a dores de cabeças, porque o som das campainhas lhes faz dor de cabeça, como são no campo, com a vista das almas, e com as verem ir para Deos, sarão.

De Malaqua, 3 de Dezembro de 1559

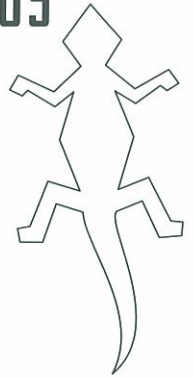
Pobre de virtudes.

Balthesar Diaz.

Depois de aver escrito o valete, soube grandes informações de Macaçar, e soube não aver nella ainda entrado Mafoma, por causa do porco, por não comerem outra cousa; e isto sem nenhuma duvida, e ser terra muito grande, e servirem-se com muitos cavalos, polla serra dentro, e serem ainda vivos alguns reis, que fizerão christãos, e a estes, fiz com o capitão daqui de Malaqua que lhe escrevesse por esta embarcação, que pera laa foi, e sera mais desposta terra que ha nestas partes. Isto soube, depois da mais enformação, que tenho escrita a Vossa Reverencia.

(Carta do Padre Baltasar Dias ao Provincial da Companhia de Jesus na Índia,
Biblioteca Nacional de Lisboa, Fundo Geral, nº 4534)

Tratado de las Yslas de los Malucos y de los Costumbres de los Indios y de todo lo demas, séc. XVI



O mais do seu viver e a longuo do mar, ou ribeiras, e dentro nelas, em casas armadas sobre quatro esteos, escada de mão; recolhem-na a route; não ha portas, senão huma janela grande, por onde entrão, como ha do ladrão guajam; que elas todas são pequenas, baixas, com duas camaras: e huma, recebimento ou saleta, no meo; tudo em hum andar; ho sobrado de canas, como caniçoos, a que chamão lamteis, atados com rotas; e por cima cubertas de olas ou guamuto de duas, tres, quatro agoas, parecem guaiolas, serquadas de grandes sebes de canas por darredor, com ameias a que chamão paguares. Estas são dos reis he mamdarins, e dentro cateles, em que dormem, que vão da lndia, cholchas, alquatifas e almofadas de couro, da feição de malas. As do comum são de cebes, terreas, cubertas de ola, ou telhados de canas; e por leitos, baileus, em que poem em cima duma esteira, cubertos com o pano que trazem, o mais fato e alfaias; tão pobre são, como eles riquos ne prezunção, porque na terra nóm a casas de pedra e calle nem adeficios sumtuosos como hos nosos.

(Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente
(coligida e anotada por Artur Basílio de Sá), *Insulíndia*, 6º Vol. [1595-1599], Lisboa, 1988, p. 52.)

Frei João dos Santos,

Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente 1609

O segundo padre que os mouros mataram nesta cristandade foi o Padre Simão das Montanhas, o qual também foi salteado por estes infiéis; mas primeiro que o matassem, foi socorrido de muitos cristãos da ilha que acudiram, como fiéis que eram, a defender sua igreja, e seu pastor, o qual nesta briga andava entre eles com uma cruz nas mãos, animando, e confortando os ditos cristãos a pelejar, e morrer pola fé de Jesu Cristo. E finalmente aqui foi morto às lançadas, e depois da briga enterrado polos seus fregueses com muita veneração, e sentimento de perderem tal pastor. O Padre Frei Francisco Calassa, natural da cidade de Goa, residia na ilha Grande, de que atrás falei, na igreja de S. Lourenço, situada na povoação Lavunana, onde trabalhou tanto na vinha do Senhor com sua pregação que converteu todos os moradores de uma aldeia chamada Tropobole, que estava distante da sua igreja mais de meia légua; e querendo-os trazer pera junto da igreja, assi pollo trabalho que eles tinham de vir a ela de tão longe, como polos ter mais perto de si, onde os pudesse doutrinar, e catequizar mais comodamente, consentiram eles nisso, e assentaram passar-se pera junto da praia, mais perto da igreja. O que é fácil a estas gentes, porque além de serem mui pobres, e terem pouco que mudar, as casas em que vivem são de madeira, cobertas de palmas, ou de palha, que eles desmancham muitas vezes, e as mudam facilmente de um lugar pera outro.

(Frei João dos Santos, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, Capítulo V – “Das gloriosas mortes que alguns religiosos da Ordem dos Pregadores receberam pola fé de Cristo, e por respeito da cristandade de Solor em que andavam ocupados”, Lisboa, 1999, p. 472-473)

Afonso de Castro

As Possessões Portuguesas na Oceania, 1867



Os timores vivem reunidos em aldeias, que não são mais do que uma aglomeração de miseráveis choupanas, distinguindo-se sobre todas a do chefe por ser mais espaçosa. As choupanas, como o nome está indicando, são cobertas de folha de palmeira brava ou de palha, mui pouco elevadas, e não têm outra cobertura mais do que a porta. Em alguns reinos as casas são construídas sobre estacas, e o pavimento é de tábuas feitas a podão, perdendo-se uma árvore para obter uma tábua, pois que o timor não faz uso da serra, apesar de conhecer este instrumento de que se servem os operários de Dili.

Os animais domésticos, porco, galinhas e cão, vivem em sociedade com o timor, habitando juntos a mesma choupana. Os cavalos e os búfalos, em que tanto abunda a ilha, nunca são recolhidos, vivendo em liberdade nas campinas, nas margens das ribeiras, ou nas encostas das montanhas, e ali os vai buscar o dono quando deles carece.

O habitante de Timor é de uma frugalidade pasmosa. Em marchas e na guerra sustenta-se um dia inteiro com um punhado de farinha de milho e uma pouca de água, ou com uma ápa, bolo de farinha de milho envolto em palha de bananeira. Quando está entregue aos ócios da paz, o seu sustento é menos parco, e consiste em milho quebrado cozido com ervas. Quando lhe falta o milho substitui-o pelo feijão; mas há uma qualidade deste legume, côto, que tem sido fatal a muitos timores, por ser veneno que mata em poucas horas, quando não é bem preparado.

Os chefes de todas as povoações e os habitantes das aldeias do litoral e das margens das ribeiras sustentam-se de arroz.

Os timores são muito indolentes, e todo o tempo que não empregam no amanho das terras, que é pouco, entregam-se inteiramente aos prazeres do ócio. Passam os dias sentados sobre os calcanhares, mascando betel e areca, e parte das noites em volta do lume comendo grãos de milho assados. Deitam-se tarde e levantam-se quando o sol já vai alto. Suas camas são esteiras fabricadas pelas mulheres.

O vestuário do timor é simples. O homem do povo cobre apenas as partes púbicas com uma tira de pano a que se chama *hakpólike* (tanga), mas os chefes usam do *taes*, pano de algodão fabricado no país, que lhes cobre desde a cinta até ao joelho.

Em guerra nenhum timor usa de tanga, mas do *taes* e de outros acessórios, que formam o traje pitoresco daqueles guerreiros.

Os cabelos hirsutos levantados ao alto da cabeça são atados por um lenço encarnado, o qual segura juntamente um penacho de penas de aves de variadas cores; cobre-lhes o busto um corpete escarlate sem mangas, e o resto do corpo o *taes* em largas pregas até ao joelho; do pescoço pendem-lhes círculos de ouro ou prata, e nos braços brilham manilhas do mesmo metal; junto aos tornozelos atam pelos de cabra, que lhes dão a ligeireza do animal, segundo crêem aqueles povos simples e supersticiosos. Completa o traje uma larga faixa de várias cores posta a tiracolo a que se dá o nome de *salenda*.

O vestir das mulheres difere muito do dos homens. As do povo usam uma saia (*taes-feta*) mui estreita, que as cobre desde o meio do peito até aos pés; os ombros e parte dos seios trazem-nos nus. As mulheres dos chefes usam o *taes-feta* de algodão e seda, mas em vez de o atarem debaixo dos braços, como as do povo, atam-no na cintura, e cobrem o resto do corpo com uma *cabaia*, ou um *baju* de chita, que é uma espécie de paletó mui curto.

As mulheres em Timor vivem em completa liberdade e não reclusas. Fazem a cozinha e cultivam a terra em companhia dos homens.

Segundo os estilos timores nenhum homem pode ter senão uma mulher, que repudia quando quer; mas é-lhe permitido ter concubinas, com tanto que não habitem a casa da esposa.

O casamento entre os timores não é todavia uma instituição; reduz-se a um simples contrato em que a mulher é cedida pelos parentes em troca de búfalos, porcos, luas de ouro, manilhas de prata e uma espada de certo modo temperada que tem grande valor entre aquele povo.

Nenhuma singularidade se dá no casamento dos timores, e as festas que por essa ocasião se fazem também nada apresentam de particular. No dia aprazado a noiva é conduzida a casa do noivo por todos os parentes, e as duas famílias celebram o contrato em brutal banquete que dura dias consecutivos. Homens e mulheres de cócoras em volta da fogueira devoram a mal tisonada carne de búfalo e de porco, enquanto os *tabedae* aturdem os ares com seus cantares desafinados acompanhando-se do monótono som do *baba* (pequeno tambor de forma cônica).

A dança, em que tomam parte velhas e moças, e que em nada se parece com o divertimento a que na Europa damos este nome, nem tão pouco com a dança das bailadeiras da Índia ou de Java, chama-se *tabedae*. Para darmos ideia do que ela é bastarão poucas palavras. As mulheres formam círculo, e batendo o compasso no *baba*, giram em roda com passos miúdos e mui rápidos, cantando ao mesmo tempo, ou antes gritando frases quase sempre sem nexos nem sentido.

Alguns homens vestidos em traje de guerra tomam parte na dança saltando, brandindo a espada, fazendo momices e ameaças.

É mui diferente, como se vê, o *tabedae* da dança das bailadeiras da Índia ou das de Java. Aqui as bailadeiras, vestidas ricamente, requebram-se, estorcem-se lascivamente ao som do *gamelam* (instrumento semelhante às marimbas) e cantam as proezas dos antigos guerreiros de Java; em Timor, em vez de requebros, passinhos miúdos



e apressados, em vez de *gamelam* harmonioso, o *baba* que ensurdece, e em vez do canto histórico, frases sem sentido e sem nexos. Em Java só certas mulheres (as bailadeiras) se entregam à dança; em Timor todas, e até as crianças, tomam parte no *tabedae*, e o que é para admirar é o furor que delas se apossa, tornando-se infatigáveis a ponto de aturarem um dia inteiro, por baixo do sol abrasador, naquele exercício chamado *tabedae*, com que se festeja qualquer acontecimento extraordinário.

Assim, quando uma povoação é atacada as mulheres reúnem-se, e enquanto dura o combate dançam o *tabedae*, animando os guerreiros com seus cantares, em que lhes exaltam o valor e deprimem o dos contrários.

Usos muito mais particulares e curiosos se observam por ocasião do falecimento do rei, e por isso passaremos a descrever as cerimónias.

Logo que o rei exala o último suspiro são chamados os *datós* e curandeiros a casa do finado para que declarem se o rei está morto, e se expeçam as ordens necessárias em tais ocasiões. A família do finado conserva-se queda e silenciosa, enquanto os curandeiros não fazem a declaração; mas feita ela todas as pessoas presentes prorompem em gritos, lamentos e em prantos, que parecem sentidos.

Os *datós* reúnem-se, e depois de ordenarem que cessem todos os trabalhos do campo por sete dias, que ninguém masque betel e areca durante o mesmo tempo, que os homens cortem os cabelos e as mulheres os tragam soltos, mandam portadores aos parentes do defunto, dizendo-lhes que venham imediatamente ver o rei, porque se acha em perigo.

Dadas estas ordens é o cadáver fechado num grosseiro caixão e guardado por oficiais do reino, ao passo que, sentadas sobre esteiras em volta do caixão, as mulheres da família carpem noite e dia a perda do seu parente e senhor. Ao cabo de muitos dias chegam os parentes do rei, e em presença do povo reunido abre-se o caixão para

que vejam o cadáver, que se acha então em decomposição, exalando um fétido pestilento, a que os timores parece que são insensíveis.

Depois daquele acto a família do rei sai da casa, que se fecha até ao dia do enterramento, que muitas vezes só se faz daí a anos, e outras nunca chega a fazer-se.

Desde o dia da morte do rei até à visita dos parentes disparam-se continuamente tiros de espingarda, uso que os timores de certo adoptaram dos europeus, entre os quais existe prática semelhante quando morre um príncipe.

A visita dos parentes prolonga-se por tantos dias quantos dura o banquete, que a família do finado tem obrigação de dar. O número de búfalos, de porcos e de cavalos, que então se mata para satisfazer a voracidade daqueles hóspedes, é espantoso, e famílias tem havido, que ficam reduzidas à miséria em consequência das despesas que a morte de um parente as obrigou.

Pelo que deixamos dito, vê-se que os timores enterram os cadáveres; mas como para se fazer o enterramento é preciso que todos os parentes do finado estejam presentes, sendo tais reuniões quase impossíveis, acontece que a maior parte dos defuntos ficam sem sepultura, guardados dentro de caixões calafetados, em choupanas para isso destinadas, ou numas espécies de gaiolas construídas sobre altos espeques de madeiras.

Há alguns reinos onde não se faz enterro de rei há mais de um século, por não ter sido possível a reunião dos parentes, dos quais um só que falte torna o acto fúnebre impossível.

Não há morte de rei que não dê lugar a factos de inaudita barbaridade. Logo que o rei adoece, há sempre quem atribua a doença a maus olhares de alguns desgraçados suspeitos de suanguice, e se por infortúnio o enfermo chega a falecer, diz-se então que os tais suanges lhe comeram o espírito, e não é preciso mais para justificar aos olhos daquele povo bárbaro o suplício das vítimas.



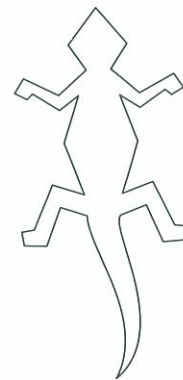
Mal o rei exalou o último suspiro, os supostos *suangues* (feiticeiros) são presos, amarrados de pés e mãos, e mortos a pauladas e enterrados vivos, e seus haveres confiscados em proveito dos acusadores e da família do defunto.

Pelo que acabamos de dizer vê-se que o estado social do povo de Timor, se não de todo selvagem, é imensamente atrasado. O contacto com um povo civilizado durante longo espaço de trezentos anos não modificou sensivelmente as condições sociais dos timores, nem adoptou os seus ferozes costumes, o que ainda assim não é motivo para largarmos de mão a tarefa que nos impusemos de civilizar aquele povo, cujo carácter vamos em poucas palavras descrever.

O timor, ramo da grande família malaia, assemelha-se no físico e no moral a todos os habitantes das ilhas da Malásia e da Polinésia. Como eles, é pequeno de formas e menos vigoroso que o europeu ou o africano. De carácter grave e meditativo, de compreensão demorada, é porém tenaz na execução da ideia. Humilde quando bem tratado, torna-se vingativo e cruel quando recebe maus tratos. Indolente e preguiçoso, afrontará as maiores misérias para se esquivar ao trabalho. Indiferente a tudo, até mesmo a morte encara com placidez, padecendo-a como manso cordeiro. Não se confunda porém esta placidez, este indiferentismo com o valor, que aqueles insulares não nos parece possuírem em subido grau. O que alguém julgará sangue frio não é senão ausência de vigor moral, como o atestam os factos.

A morte de alguns guerreiros é muitas vezes suficiente para lançar o terror num arraial e fazê-lo dispersar; jamais povoação em Timor foi assaltada e tomada à viva força; nunca o timor combateu a peito descoberto, mas escondido por entre rochas, matos e arvoredos.

São desconfiados aqueles insulares, e pouco agradecidos aos favores recebidos, o que é consequência do indiferentismo de que são dotados. Não esqueçam porém a ofensa, e como para eles a vida tem pouco valor, cometerão um homicídio para vingar a mais pequena injúria.



Ainda que turbulentos e inclinados a guerrear para decidir toda e qualquer questão, são contudo fáceis de governar, uma vez que não se use com eles de extraordinário rigor e que se respeitem em parte os estilos timores, a que obedecem sem murmurar.

Falam-se em Timor diferentes dialectos, entre eles mencionaremos o *Teto*, o *Vaiqueno*, o *Galolo* e o *Calado*. O *Teto* é a língua por assim dizer oficial, a que falam os chefes, e que está generalizada em Dili e mais presídios portugueses, e nos reinos do centro e do poente até Batugadé. O *Vaiqueno* é a língua falada pelos habitantes dos reinos do Sorvião, o *Galolo*, pelos dos reinos do leste, e o *Calado*, pelos das montanhas que cercam Dili. São muito pobres todos estes dialectos e nenhum deles tem gramática nem escrita.

Línguas inteiramente selvagens, mui ásperas e nada parecidas com a suave língua malaia, que tem seus poetas e bons prosadores.

O *Teto* usa muitas palavras portuguesas que os naturais de Timor adoptaram, à falta de termos para exprimir objectos que lhes eram desconhecidos antes da conquista.

Têm os timores tão grande facilidade para aprender o malaio, quanta dificuldade para o português, que raríssimos falam correctamente, e que uma grande parte dos chefes e dos habitantes de Dili estropiam, fazendo um crioulo que nos custa quase tanto a compreender como os dialectos timores.

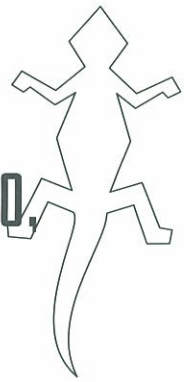
Tendo sido a ilha de Timor povoada por emigrados das Molucas e Borneo, é natural que a língua Alfur fosse falada pelos primeiros timores naquelas remotas eras; mas com o andar dos tempos sofreu tais alterações que hoje nada se parece com aquela, e não deve admirar tal diferença se notarmos que o Alfur também não tem gramática, nem escrita.

Têm os timores em grande veneração o rei de Portugal, que acatam na pessoa do governador, a quem chamam *pai e mãe*, e este amor e respeito tem sustentado a dominação portuguesa naquele país, onde a força nos tem sempre faltado para fazer-nos obedecer como soberanos. As rebeliões que ali estalaram contra o governo português não foram nunca sufocadas senão pelos próprios indígenas, aos quais bem se pode dizer que está confiada a guarda daquela relíquia do famoso império que tivemos no Oriente.

(Afonso de Castro, *As possessões Portuguezas na Oceania*, Lisboa, 1867, p. 321-329)

Alberto Osório de Castro,

A Ilha Verde e Vermelha de Timor, 1909



*Sempre subindo, até à altitude de 1157 metros, 1060, segundo o sr. Tenente Alberto Carlos, chegamos ao cume de Gugulêur, em que assenta, como um crasto lusitano, mas entre laranjeiras, jambos vermelhos (*Eugenia jambosa*), mangueiras e *Ficus*, a povoação corajosa desse nome, que tivemos de bater por mais de uma vez. Surgem as habitações ao modo timor, num grupo disperso, muito poucas à vista para a grande população que se pressente. Casas sobre esteios, de pavimento, de pavimento a um metro do solo, sobrepujadas de um alto tecto de colmo ou de rama de tuaqueira, de quatro águas, terminando porém em uma só aresta paralela à frontaria, e sobre a qual assenta um coroamento em forma de beiro, de extremidades recurvas de gôndola, dois ou três pássaros de madeira poisados na amurada. Mais se assemelha a casa timoresa à de Samatra que à de Macáçar, mas dá-lhe um tipo original o alto remate em forma de gôndola. S Ex.^a o Governador deseja ver a Uma-Lúlic ou templo dos objectos lúlic ou tabús da povoação, o seu Palácio, e gentilmente nos dá entrada a todos, entre os admirados mas risonhos espantos das mulheres, o Chefe ou Dató da aldeia, que tem a seu lado a sua linda netazinha, vestida já à malaia, de sárong-cabaia, sorridente e claro rostinho de mestiça sino-timoresa.*

A casa, cuja frontaria vira para o poente, fica à direita do chefe, e é à guisa das outras casas timoresas, mas toda esfumada pelas fogueiras rituais, frequentemente acesas no interior. À luz de archotes vai-nos o chefe mostrando bastões de régulo com as armas e emblemas da Oost Indische Compagnie (Maubara passou dos Holandeses para nós pelo tratado de 1859), um tambor-caixa de bronze com o leão neerlandês e um lema da Companhia; uma ponta de elefante denegrida pelo fumo, idolo-zinhos de ferro de talvez um palmo, duas terracotas chinesas, uma apresentando um galo, e a outra uma dragão, velhas vestimentas esfarrapadas e irreconhecíveis, dois altos tamboris de madeira, ornados, cercados de figurinhas soltas de pau, a servirem de cavilhas de registo,

e outras vetustas coisas fuliginosas e sem nome. Ao lado da Uma-lúlic um altar de pedra, com um poste para a deposição dos chifres ou dos ossos dos animais sacrificados. (...)

O sr. Governador me mostrou um debuxo que tirara do singular uma-lúlic do régulo de Laga, e que me disse haver-lhe feito lembrar edifícios rústicos do interior do Japão. Sobre esteios sustentando a meio uma plataforma de madeira, aberta, assenta um andar, coberto de um alto tecto em pirâmide irregular truncada, e encimada a truncatura por uma construção sobrepujante em forma de gôndola, com, entre as quilhas, uma câmara quadrangular. Por escada móvel se sobe à porta, lavrada de ornatos, com a figura de um toké numa das maias portadas, de uma cobra na outra. A construção do remate do tecto é ornada de grandes búzios univálves.

Mil coisas insólitas, tudo o que lhe causa estranheza ou receio de misterioso malefício, guardam religiosamente os timores nos uma-lúlic dos seus reinos. Já atrás falei da uma-lúlic de Gugulêur. O meu amigo sr. Barreto, cunhado do régulo de Oe-Kússi, me deu ou mostrou alguns objectos lúlic: dois machados e um anel de bronze (despojo, quem sabe?, dalgum pirata malaio ou guerreiro javanês, vencido há milénios na praia timorese), uma esfumada caixa de folha de pândano cheia de bocados de documentos portugueses do século XVIII, e entre esses papéis um resto de folha de Ordonnance da marinha francesa do mesmo século, arrojo porventura dalgum naufrágio, etc. Um dos machados foi para o sr. Van Gennep, outro para o sr. Dr. Leite de Vasconcelos. O anel, não soldado, perdi-o com pena, escorregado do anelar em um período de doença.

Cada família tem o seu uma-lúlic doméstico ou familiar, em que aos fátuc-buisóle ou objectos lúlic nele guardados se fazem oferendas de alimentos – fígado de porco, arroz encarnado, carne e ovos – por ocasião das sementeiras e da colheita do milho e do néli (háre, em tetum, umblá, em galóli), e quando em casa há óbitos ou nascimentos. (...)

Sobre o tabu, que entra na ideação do lúlic timorês, e talvez será em alguns casos uma sobrevivência dos imigrantes polinésios, senão simplesmente rito negativo do animismo, muito há que estudar. Lembro a definição do



Dr. Keane: «tabu: the prohibition to make any use of a certain animate or inanimate object». Melhor, a explicação do sr. Van Gennepe: «No sentido estrito, o tabu é uma interdição de essência mágico-religiosa, e cuja sanção é igualmente mágico-religiosa». (*Religions, Mœurs et Légendes*, 2^a série, p. 77).

Ouvi que a gente do suco de Mânu Kíic, no reino da Hera, nada come do que se cria nas águas doces ou nas águas marinhas, por tudo ser lúlic contra a varíola. Em geral as iroses ou enguias são lúlic (lúlic que dá ou traz a chuva), principalmente as que se encontram nas águas doces (há por todas as ribeiras de Timor muitas enguias), e enche-se de feridas quem as comer.

Já me mostraram uma raiz que livra dos suânguis ou feiticeiros (*búan*, em tétum; *sábu*, em língua tucudédé de Maubara; *nara*, em uaimôhá de Baucau; *sabalai*, em daguedá de Lautem e macassai de Baucau), e ainda um dente de peixe grande (*Halicore australis*, o Dugong?), da mesma virtude contra gente feiticeira.

Mandeí já esse dente ao sr. Van Gennepe com outro de crocodilo, que, guardado em casa, é amuleto contra os incêndios, e usado ao pescoço livra de se ser comido pelos crocodilos na passagem das ribeiras, que esses terríveis animais tornam perigosa.

Uma espada ou terçado antigo, uma *catana*, uma pequena pedra de feitio singular, que toma o nome de *buisóle* ou *fátuc-buisóle*, são lúlic, se como tais as declara o *dató-lulic* ou adivinho do reino, ou a auto-sugestão.

Pode dizer-se que todo o *súric* (nome genérico das espadas) é venerado, lúlic. Ao voltar da guerra, o Timor suspende numa parede da casa o seu terçado ou *catana* e antes de principiar as refeições deixa à arma lúlic, como oferta, um pouco da sua comida. Ao pescoço dos seus búfalos suspende como amuleto um *buisóle*, guarda outro sempre dentro do seu *sóhè*, ou bernal de folha de pândano ou de palmeira.

A coruja timoresa, chamada onomotopaicamente em tétum *càcú*, *cacúuco* ou *lacúuco* (efectivamente quando pela primeira vez se ouve lembra o cantar dos cucos da europa), que é chamada pelos malaio *burung-hântu*, o pássaro espectro ou fantasma, é para os Timoreses uma ave feiticeira. Dizem-na a alma errante de uma pessoa *búan* ou *suângi* adormecida, e que anda pela noite à caça de almas de gente viva, que confunde com animais.(...)

É *lulic* o crocodilo, chamado *lagarto grande* pelo nosso homem dos sete fôlegos, que foi Fernão Mendes Pinto; esse terrível *Crocodilus biporcatus* que infesta a foz dos rios e as praias da ilha, como já tenho dito, e, com a grande serpente *Python reticulatus*, os brejos e paúis de água estagnada do litoral. A maior parte dos Timoreses, como os Javaneses (sr. J. Chailley-Bert, *Java et ses Habitants*) considera o crocodilo como habitáculo das almas dos antepassados e chama-lhe *Avô*. Em má hora alguém come carne deles, porque se entrar na água é logo devorado. E são poupados os que o veneram. Há tempo um europeu matou no pântano de Díli o crocodilo cuja pele está no Museu Municipal, preparada pelo sr. Dr. Belarmino Lôbo, do Quadro de Saúde, e único preparador desse Museu. Muita gente da cidade e arrabaldes, mesmo cristã, veio trazer ao monstro morto oferendas de arroz e betle.

(Alberto Osório de Castro, *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*, Lisboa, 1943
(reimpr. 1996) p. 47-48, 122-123, 126-127 e 129)



Paulo Braga,

A Terra, a Gente e os Costumes de Timor, 1935

Há qualquer coisa de edenismo na existência dos timores. Decorre serenamente, fácil e plena de realidades doces, adquiridas sem esforços e sem preocupações. A terra desfaz-se em frutos. Os climas são agradáveis. As cubatas fazem-se com meia dúzia de ramos. Nos bazares vendem-se ovos, o café, as hortaliças – que dão o dinheiro para a compra de mil coisas gratas aos olhos, as moedas de prata com que se fazem os ornamentos que enfeitam, as possibilidades de entrar nas apostas de lutas de galos. Restam as horas de ociosidade, as horas vagas. Então dorme-se ou procuram-se trabalhos que não exijam grandes esforços.

Se, de quando em quando, os estilos chamam as atenções e os trabalhos obrigatórios do Estado impelem para alguns sacrifícios, grande número de dias ociosos restam em cada ano. Acabaram as guerras, as avançadas sobre os reinos inimigos para o saque das colheitas, o roubo do gado, o rapto das mulheres. O português, ao colonizar, impõe a paz e a harmonia entre os povos. Desapareceram os grandes estilos em que se decidia sobre os conflitos, em que as cerimónias *lúlic*, em invocação da vitória, se repetiam dias e noite seguidas, enquanto na fogueira crestava a carne dos animais e, ao seu lado, as latas de *canipa* esperavam que as bocas sedentas fossem esvaziá-las. Longe vão os tempos das orgias loucas que coroavam os estilos, consequências das danças, dos requebros contorcionantes dos rins, dos cansaços físicos, dos contactos e dos desfalecimentos sensuais. Distantes, muito distantes, ficam as horas vividas em ansiedades de animalidade e prazer que corroeram as mentalidades e foram definhando uma raça, perdida em embriaguez e lubricidade. Os estilos das noites luarentas em que se reuniam os régulos e as comitivas, os estados-maiores dos exércitos e, às vezes, populações completas, para discutirem quanto à guerra contra os reinos inimigos ou contra a ocupação e a colonização

portuguesa são, hoje, somente recordações. A obra colonizadora realiza-se. O indígena vai-se aclimatando às exigências de uma outra existência cheia de preocupações, de desejos, de inquietação.

Entretanto, a serenidade, a apatia e o tédio pairam nos palmares e nas hortas. Estas, desenvolvem-se sem darem canseiras. Os cafeeiros crescem nas plantações e frutificam sem que haja o receio das moléstias horrorosas. O gado pasta nos montados e o milho nasce em benesses da terra preta das queimadas, apenas pedindo as mondas. E, fazê-las, vão as mulheres, curvadas na tarefa de arrancar as ervas. Depois, cai o orvalho. A terra remexida une-se e guarda a humidade. A seiva corre nos caules tenros e a folhagem ergue-se verde e viçosa. Na verdade, a Natureza é mãe, uma mãe a todo o momento gloriosa na maternidade excelsa das colheitas.

E, quando à sombra das árvores e dos telhados, o sono, ainda erradio, para vencer a ociosidade e o aborrecimento, o timor pega numa faca, que lhe serve de escopro e cinzel, e num pedaço de madeira, de ponta de búfalo, de tartaruga; derrete a prata e o ouro; tira da água os feixes de sisal e as folhas de palmeira esfiapada... Senta-se. E, em excessos de paciência e perseverança, fabrica os pequenos artefactos da indústria indígena, os bonecos, os utensílios de *ménage*, os adornos. Com o sisal, mergulhado em tintas feitas por processos primitivos, arranja obras primas de graça e de ingenuidade. Molda a prata e o ouro para os enfeites das mulheres, as escravas, as pulseiras, os pentes para o cabelo, os cordões a que se prendem florins e libras. As mulheres tecem os panos timores, cheios de cores berrantes, profundamente característicos, bordam, fazem rendas repletas de delicadezas e suavidade. E num espírito imensamente artístico se manifesta em todas estas pequenas coisas.

(Paulo Braga, *A Terra, a Gente e os Costumes de Timor*.
(Col. «Cadernos Coloniais», nº 7), Lisboa, [1935])



António de Almeida,

Timor, Goa e outros confrontos etnográficos, 1959

A construção das casas características da região oriental de Timor Português merece referência especial: forma quadrangular, quatro águas muito inclinadas, feitas de folhas de palmeira ou de capim, assentes sobre pilares de madeira providos de discos da mesma natureza ou de pedra – a impedirem a subida dos ratos, que, por vezes, aparecem aos milhões, constituindo verdadeira praga para os arrozais.

No cume da habitação fica um tronco de madeira, a que se prendem conchas de moluscos marinhos com diversos tamanhos, para enfeite e defesa do revestimento do tecto contra o vento (fig. 13). As casas dos chefes nativos são adornadas com esculturas várias: proas de barcos e chifres gigantes – as insígnias de autoridade; as paredes das moradias dos Timorenses mais ricos apresentam-se curiosamente decoradas com desenhos geométricos coloridos e as traves e cunhais artisticamente recortados e esculpidos (fig. 14). A arquitectura de tais habitações, análoga às de Java e de outras ilhas da Oceânia, não tem paralelo em outro território português, salvo no que respeita à existência de pilares, verificáveis nas palhotas de algumas populações negras do extremo sudeste de Angola e nos sequeiros do Minho; as esculturas dos templos e das casas hinduístas suplantam em arte e intenção espiritual a das moradias timorenses, ainda que não julgue impossível encontrar nestas últimas influência indiana.

(António de Almeida, *Timor, Goa e outros confrontos etnográficos*,
Estudos, Ensaios e Documentos, 84, 1959, p. 355)



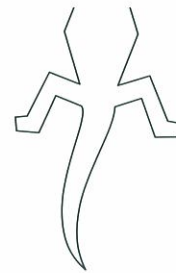
António de Almeida,

Contribuição para o estudo do neolítico de Timor português, 1960

Nesse mês, na sede do Posto de Bâguia – limítrofe para o interior do Posto de Laga e não longe do sopé da Mate Bia -, foi possível examinar e fotografar vários objectos usados em certas cerimónias rituais por Makai Liliki, na qualidade de sacerdote ou feiticeiro benfazejo (trajando calção, camisa europeia e pano timorense ao ombro) e pelo Cabo ou ajudante (Asúrate – envergando pano na cintura, lenço e crescente de ouro na cabeça), que os dois trouxeram propositadamente de Afalikai (ou Afalokai – Afa = pedra, Loikai = nome do homem que ali faleceu), povoação fastada de 15 km, aonde me foi absolutamente impossível ir.

Semelhante arsenal mágico-religioso compunha-se de: duas enxós de pedra polida; duas pedras polidas natural ou artificialmente, uma rectilínea e outra angulosa; uma bola de rocha com superfície rugosa; uma antiga bandeira portuguesa com o escudo real; duas esculturas de madeira, figurando mãe e filha de mama; uma velha espingarda de pederneira; dois bastões de madeira; uma espada; um pau munido de crinas de cavalo; e dois apitos de madeira. Todos estes materiais enegrecidos ou a desfazer-se – abandeira e as vestes das esculturas são cuidadosamente tocadas, embrulhadas e conservadas, bem como os objectos de pedra – pelos sacerdote e ajudante em vasta casa especial, *lúlik*, sagrada (conhecida por Sokolai Mau Bési, o nome da estátua feminina), assente sobre quatro pilares de madeira – à moda de timor oriental -, provida de paredes de bambu fendido, porta de madeira e cobertura de gamúti sólidamente fixada no cume por uma tábua com pássaros pintados.

Os artefactos de pedra contêm-se em velho cesto poliédrico, habilmente confeccionado com folhas de palapa, guardando-se a bandeira e os palitos em outro cesto, sendo ambos os recipientes introduzidos em saco bem atado, e com tudo o mais colocado depois em cima de um estrado de madeira.



Na casa sagrada de Afoloikai – em que qualquer pessoa pode entrar por meio de escada, a vedar o acesso aos animais domésticos -, contam-se mais: uma pequena estátua de madeira representativa de um rapaz de tenra idade, a cozinha e panelas de barro de vários tamanhos. Segundo informações de Manuel da Costa Gusmão (Léki Dára, ex-chefe de povoação de Iako Hu, suco de Ósu Huna), de Loi Rúbi (ex-chefe do suco de Afoloikai) e de Rúbi Bôro (o nome próprio do sacerdote), um dos passos mais importantes das cerimónias, celebradas por ocasião das colheitas do milho e do arroz, consiste em dar alimentos cárneos – bocadinhos de vianda cozida de frango ou de porco, abatidos ritualmente na ocasião – e arroz com ou sem ovo cozido aos instrumentos de pedra, aspergindo-os também com sangue das vítimas; as primeiras atenções vão para a bola (lórò), a mais venerada – previne as enfermidades, promove a bundância do arroz e do milho e multiplica e favorece o crescimento dos búfalos e cavalos -, seguindo-se imediatamente os restantes artefactos de pedra polidos natural ou artificialmente e depois as enxós, as esculturas e os demais objectos e, por fim, cabe a vez ao sacerdote, ao cabo, a dois auxiliares (os tocadores dos apitos, durante a ecrimónia) e aos assistentes compartilhar da comesaina.

Os encargos com os repastos e a manutenção do Makai Likiki e do Asúrate correm por conta das dádivas dos povos, postas à disposição de quem se lhes apresentar munido do bastão mais modesto, chamado o do Cabo, para recolher o milho e os animais; o outro bastão (regente ou rezente), mais categorizado e constituído por uma cana de Malaca com castão de prata, usa-se como insígnia de comando.

As duas enxós, os outros dois objectos líticos e a espada não têm os seguintes nomes: os primeiros designam-se kádi (pedra) e a espada – formada por copos modernos e lâmina de súrik ou espada tipicamente timorense – pertenceu a Modokai, indivíduo de grande prestígio há muitos anos falecido. Ai auku é a denominação da espingarda, bandera a da bandeira e solókò a dos apitos; foram herdados de Sânu-Bôro, trisavô do sacerdote actual.

O pau com crina (kabóra), empunhado por um homem à frente dos combatentes, incute-lhes coragem, porventura por julgarem o objecto impregnado da virtude de espantar as balas, como se crê em muitas populações africanas.

Passa de pais a filhos varões a profissão sacerdotal; Makai Liliki aprendeu o mister com o pai e este com o avô, e, se aquele não tiver herdeiros masculinos, escolherá quem desejar para lhe suceder, industriando-o nos segredos rituais próprios da ocupação.

Este sacerdote ignora as funções ergológicas dos seus materiais líticos que manuseia, bem como se análogos existem em qualquer região de Timor Português, esta última observação condiz com as informações que colhi entre todos os grupos étnicos do nosso território. Makai Liliki diz desconhecer, com verdade ou sem ela, a origem destes tão queridos artefactos de pedra – tanto que, havendo-lhe eu proposto a compra deles por muito apreciável quantia, recusou-se, declarando que nenhum dinheiro pagaria o valor deles -, tão-pouco sabendo se vieram ou não de fora de Timor Português ou do monte Mate Bia (expressão que significa *embruxado*) – aonde pode trepar-se, embora muito dificilmente pela vertente íngreme de Afaloikai (os dois citados locais afastam-se aproximadamente de 15 km em linha recta), ou por Osu Huna, bem mais acessível, e ao qual se ligam várias lendas que não vêm a propósito contar agora. *Manu Mate bia* é denominação de uma ave diurna, cinzenta, menos corpulenta do que o pombo bravo, que pia e ninguém maltrata, por virtude de ser considerada animal de mau agoiro.

(António de Almeida, Contribuição para o estudo do neolítico de Timor português, *Memórias da Junta de Investigações do Ultramar*, 2ª série, 16, 1960, p. 128-133)



Ruy Cinnati,

Arquitectura Timorense 1987

Dois mundos se opõem perante o timorense: o seu 'mundo', o Cosmos, o território onde ele habita, e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca, o Caos, povoado de mil demónios e de um sem-número de almas dos mortos.

Situar-se num lugar, organizá-lo, habitá-lo, são acções que pressupõem a sua consagração e participação da santidade da obra divina. A instalação num território equivale à fundação de um mundo: a divisão da aldeia em quatro sectores corresponderá à divisão do Universo conhecido em quatro horizontes: no meio da aldeia erguer-se-à a casa cultural (a uma lulic) cujo telhado representa o Céu, bem como a copa da árvore grande ou escarpada montanha. Por baixo da terra, na outra extremidade, situa-se o mundo dos mortos, simbolizado pelas serpentes e crocodilos.

O pequeno mundo timorense, a aldeia, está organizado num sistema inteligível: o lugar, sacralizado, provocou uma rotura na homogeneidade do espaço tornando possível assim a comunicação dos três níveis cósmicos entre si: Céu, Terra e regiões inferiores, através de uma abertura, casa cultural, altar ou poste sagrado (axis mundi). Tal eixo cósmico situa-se no próprio centro do Universo porque a totalidade do mundo habitável estende-se à volta dele. Os "ai-arabaudiu", grandes postes de seis e sete metros, que se encontram nas aldeias "manbai" das montanhas, são colocados em sítios dominantes, assentes sobre enormes socos de pedra, em grupos de dois e três, e ornamentados com numerosos chifres de búfalos abatidos durante os "estilos".

Na estrutura da habitação revela-se o simbolismo cósmico: a casa é uma imagem do mundo, a sua cobertura é o Céu, o pilar ou poste principal é assimilado ao "eixo do mundo" que sustenta o imenso tecto celeste e desempenha

um papel ritual importante: à na sua base que têm lugar os sacrifícios em honra do ser supremo, Marômac... Dois postes grandes e grossos irrompem na grande sala e suportam por si sós grande parte do peso da cobertura: são o kakaluk rai e o kakaluk lor. O kakaluc lor, símbolo do culto da casa. É objecto de especiais atenções: no chão, junto dele, o chefe da família coloca um prato de pedra, o “lor fufuhum” e, sobre a lareira, dispõe um outro, o “lor hun”.

Toda a construção e inauguração de uma moradia equivalem a um começo, a uma nova vida: para que a obra dure e “viva” deve ser animada, isto é, deve receber ao mesmo tempo uma vida e uma alma. A transferência da alma só é possível pela via de um sacrifício sangrento.

O animismo desta relações, tão presente em toda a vida timorense, representa tão-só a expressão de um esatado de espírito quer não faz a distinção entre o procedimento a ter para com as pessoas e o procedimento a seguir com as “coisas”. Todo o mundo exterior é tratado pelo timorense segundo o modelo apreendido nas relações com a sociedade, transferindo para as coisas vida, actos e emoções familiares na esfera das relações humanas.

Mil coisas insólitas, tudo o que causa estranheza ou receio de misterioso malefício, guarda o nativo nas “uma lulic” (casas sagradas) dos seus reinos. Uma espada, uma pedra de feitio singular, um saco de masca que foi pertença de um seu avô, são “lulic” (sagrados) e conservados dentro da casa, dependurados na coluna principal, se, como tal, os declarou o “dató-lulic” (adivinho do reino) ou a auto-sugestão.

Tudo o que é “lulic” tem alma como a gente: “... e os hali ou gondões (*Ficus Benjamina*) têm os lulics próprios, com figura de gente, homens, mulheres, crianças, mas todos encarnados e de cabelos vermelhos, de barbas também vermelhas os homens. Mesmo no pino do dia muita gente os tem visto brincando, dançando, cozinhando, à sombra dos altos gondões de mil raízes adventícias, grossas como troncos. O próprio Lôi os viu um dia, o sol do alto do céu. Felizes daqueles a quem esses lulics deixam levar uma panela da sua cozinha; vai toda cheiinha de múti-salas, uma riqueza”. (A. Osório de Castro)



Tudo tem alma, as pedras, as árvores, em especial as de grande porte, os gondões frondosos, as montanhas elevadas que são habitadas pelas almas dos mortos (maté-bian), as ribeiras tumultuosas, as florestas primárias, impenetráveis e sempre verdes.

O grau de cultura timorense ainda que tenha ultrapassado as culturas inferiores enquadrando-se as suas características gerais no nível superior ou malaio do ciclo austronesoide de Montandon (segundo A. Mendes Correia), nele subsiste ainda muito das culturas precedentes nomeadamente restos de totemismo e exogamia e de um passado matriarcal.

O totem (geralmente um animal), antepassado venerado do grupo e seu espírito protector, castiga com a destruição o clã quando é morto por algum dos seus componentes e proíbe o casamento ou relações sexuais entre membros da mesma tribo.

O crocodilo (lafai) ainda em muitas regiões é animal sagrado e chamado de avô, restos de um passado totêmico.

Como outros indonésios, sobrevivências de cultura matriarcal, teve Timor o costume imemorial de decapitar os inimigos mortos em combate, cujas cabeças, durante as cerimónias e cânticos fúnebres, são expostas pelos valentes guerreiros (Açuaim) na árvore “lulic” do povoado atados com fibras de gamuti aos troncos. Os crâneos têm alma e necessidades como as gentes, por isso os “açuim”, e só eles, lhes vão ofertar carne e arroz. Sinal era de valentia comer estes alimentos sujos pelas escorrências dos crâneos, conseguindo-se assim assimilar a bravura dos guerreiros mortos.

Como era uso na magia medieval, é praticado o embruxamento do ódio ou quebranto sobre o simulacro da vítima, qualquer objecto que lhe haja pertencido, pelos curandeiros ou feiticeiros (os *matan doc*) que têm mil e uma outras atribuições, como defender as gentes dos “buan” (espíritos maus), vender remédios, recitar orações e práticas.

Nas hortas e cultivos é vulgar os agricultores colocarem os *ai-tós*, que são troncos de madeira em forma antropomórfica e simbolizam os antepassados de linhagem. Estes cipós assentam em socos de pedras soltas sobre os quais, antes das colheitas, se dispõem as espigas de milho ou de arroz.

Desta forma, o agricultor, ao oferecer alimento ao espírito tutelar da plantação, pretende obter a sua protecção para as colheitas futuras.

Os altares (*foho*), montes arredondados de pedra solta, encimados pelos pratos de sacrifício (*fatui solés*) são os locais onde se reuniam os sacerdotes e velhos para o exame das entranhas de animais e exposição das oferendas de milho e arroz em sacos de fibra vegetal. Outros altares (*ai-tós*) são postes de madeira ou de pedra trabalhados em forma de coluna com complexas incisões geométricas espiraladas contidas em molduras e terminando em capitéis com cabeças humanas esculpidas. Sobre os “*ai-tós*” coloca o “*dató-lulic*” um pano e um cesto nativo, após o que inicia as orações mágicas.

Há festas gerais do povo, oferendas de arroz cozido e carne assada dos animais sacrificados, acompanhados de dança ante a “*uma-lulic*” da povoação, na ocasião de casamento de régulos, na volta da guerra ou quando das colheitas. Mas o “*estilo*” mais importante ainda é o “*acoi-maté*” (enterro dos mortos). Toda a família do defunto se reúne, o que leva certo tempo, trazendo muitos alimentos, e inicia um grande banquete, que é repetido um ano depois, comemorando o fim do luto.

Os mortos pertencentes a famílias nobres são transportados em troncos de árvore escavados, ou simplesmente envoltos em esteiras, quando plebeus, e enterrados diante da casa mais importante do aglomerado habitada pelo homem mais idoso da aldeia (região Norte dos Belos). Reunidas em grupo segundo os parentescos familiares, as sepulturas são grandes amontoados regulares de pedra solta, em forma de paralelepípedo, cobertas por grandes lajes e adornadas de variados objectos simbólicos: postes de madeira encimados por caveiras e ossadas de animais sacrificados ou pequenos blocos líticos coroando o volume de alvenaria (região de Lautem).



O simbolismo cósmico do mundo expresso na aldeia e na casa de habitação é retomado na casa cultural, na “uma lulic”. Ela é habitada pelos espíritos dos antigos guerreiros, antepassados dos que habitam o povoado ou o reino. Construída por uma ou várias famílias é propriedade de toda a população e o elemento de união entre o clã: se a “uma lulic” desaparecer por ruína ou incêndio, grande desgraça abater-se-á sobre o povo e as famílias dispersar-se-ão. Quando de um incêndio ou má colheita os velhos e entendidos são consultados e geralmente a razão apontada é a incúria ou descuidos a que foi votada a casa; o remédio é repará-la quanto antes ou construir uma nova para que os espíritos dos avós não tenham de se queixar. A guarda da “uma lulic” é confiada a um velho ou velha do clã que são responsáveis por ela perante a população.

Em Malilaite, perto de Louro-Ba, existe um grupo de vinte “uma lulic” situados na crista de um monte escarpado, com uma única entrada de difícil acesso e envolvida por vedações de espinhosas. Cada casa, propriedade de uma grande família, protege-a, simboliza e fortalece a união entre o clã.

Inúmeros objectos são venerados e guardados ciosamente nas “uma lulic”: zagaias, catanas, sacos de masca que foram pertença dos antepassados guerreiros, espigas de milho dispostas uma por cada chefe de família, pretendendo-se desta forma agir sobre a qualidade e quantidade das colheitas, pratos semelhantes aos que em tempos eram usados nas refeições em comum, correntes de ouro e luas, cabelos e mulher e até imagens cristãs.

As casas sagradas, em tudo iguais às habitações familiares, distinguem-se destas pelos ornamentos e esculturas de aves em madeira dos remates das coberturas e pelos lagartos, crocodilos, tokés, ou seios de mulher, incisos ou esculpidos no madeiramento das portas, os quais, a par de uma intenção puramente decorativa possuem acentuado significado totémico e dão notícia do simbolismo dualista religioso timorense.

(Ruy Cinatti, *Arquitectura Timorense*, Lisboa, 1987, p. 34-40)



